

Sob o signo das águas e do esquecimento:

trabalho feminino e modernização dos espaços sob olhar das lavadeiras de roupas
(Teresina, década de 1970)

*Yasminn Escórcio Meneses da Silva*¹
*Marcelo de Sousa Neto*²

Resumo: Os rios Poti e Parnaíba, que banham a cidade de Teresina, capital do Piauí, agregou em suas margens inúmeras mulheres que sem condições financeiras para manter a si e sua família, encontravam nas águas uma forma de trabalho lucrativa e fácil de ser mantida, a lavagem de roupas. Na década de 1970, foi constante o aumento de mulheres nas margens dos rios para executar tal tarefa, como parte dos resultados da intensa migração que se tornou frequente nos anos que sucederam o chamado período do “milagre econômico” dos governos militares, ampliando o número de pessoas sem renda e sem perspectivas nas capitais brasileiras em busca de melhoria de vida. Teresina, vivendo nesse período uma constante transformação em suas estruturas físicas, produzidas pelo então progresso, buscou viabilizar meios estruturais para enfrentar a necessidade de organização, higiene e estética causada pela utilização dos rios como meio de trabalho por mulheres pobres. Utilizamos a História Oral, para compreender como as lavadeiras, perceberam as transformações na atividade de lavadeira, bem como na cidade, assim como o uso dos jornais *O Dia*, *Estado do Piauí*, *Correio do Povo* e *A Hora*, para uma observação mais precisa sobre o cotidiano da cidade, e a relação de progresso discutida no contexto.

Palavras-chave: História. Trabalho. Feminino. Cidade. Teresina-PI (Séc. XX).

Abstract: The Poti and Parnaíba rivers, which bathe the city of Teresina, capital of Piauí, added to its banks countless women who, without financial means to support themselves and their families, found in the waters a profitable and easy to maintain way of working. washing clothes. In the 1970s, there was a constant increase in the number of women on the banks of rivers to perform this task, as part of the results of the intense migration that became frequent in the years that followed the so-called “economic miracle” period of military governments, increasing the number of people without income and without prospects in the Brazilian capitals looking for a better life. Teresina, living in this period a constant transformation in its physical structures, produced by the then progress, sought to enable structural means to face the need for organization, hygiene and aesthetics caused by the use of rivers as a means of work by poor women. We used Oral History, to understand how the washerwomen, perceived the transformations in the work activity, as well as in the city, as well as the use of the newspapers *O Dia*, *State of Piauí*, *Correio do Povo* and *A Hora*, for a more precise observation about the daily life of the city, and the relationship of progress discussed in the context.

Keywords: History. Feminine Job. City. Teresina-PI (20th century).

¹ Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (Programa de Pós-Graduação em História do Brasil). E-mail: yaesc24@gmail.com

² Professor Associado da Universidade Estadual do Piauí e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Piauí. E-mail: marcelo@ccm.uespi.br

Under the sign of waters and forgetfulness: female work and modernization of spaces under the scrutiny of washerwomen (Teresina, 1970s)

1. Introdução

Esta é a melhor época para as lavadeiras devido o clima quente, e sol aberto, e ainda porque as águas estão baixas possibilitando maior espaço de quarador. Já é um folclore em Teresina a presença das lavadeiras nas margens do rio, principalmente agora no cais da avenida Maranhão, o colorido de roupas estendidas oferecendo um espetáculo a parte para quem passa pelo local. (O colorido O Dia. Teresina, 05 set. 1974, p. 01).

Prática milenar, tão presente no contexto social e praticado eminentemente por mulheres, a lavagem de roupas sustentou gerações de famílias, possibilitando a elas, a manutenção básica da própria vida, e também de uma forma de trabalho considerada básica, resistindo inclusive a tecnologia e o avanço das máquinas de lavar. A lavagem de roupas nos rios de Teresina, esteve presente desde sua constituição como capital, e é marcante a característica de tal atividade como pertencente a cidade.

Na matéria do jornal *O Dia* de 1974, acima destacada, é perceptível como as lavadeiras garantiram a cidade uma imagem folclórica, caracterizada pela presença das inúmeras lavadeiras a utilizar os rios, Poti e Parnaíba, como seu lugar de trabalho, enfeitando a avenida Maranhão com as coloridas roupas estendidas sobre o cais. Para outros, no entanto, a imagem da lavadeira, carrega o aspecto de pobreza, tão evitado, e combatido pelos dirigentes do Estado e da capital.

Percebe-se que é construída uma relação ambígua, no que se refere a lavadeira de roupas. Ainda mais por ter sido uma atividade que acumulou grande contingencial feminino para exercer tal função, em troca de poucos valores, mas que por outro lado contribuíram para sua renda, como um todo ou como um complemento.

Desse modo, para reconhecer as transformações que irradiaram o progresso na cidade de Teresina durante a década de 1970, através de uma singular forma de trabalho, carregada de características ora positivas ora negativas, como é o trabalho das lavadeiras de roupas, compete-nos o desejo de discutir, como viés modernizante dos espaços urbanos, enxerga e propicia às lavadeiras dos rios da capital piauiense, a recepção e percepção das mudanças provocadas por tal.

Para tanto, nada mais justo ao leitor que compreenda alguns pontos antecedentes à discussão, pertinentes para esclarecer questões elaboradas para responder as dúvidas que irradiaram neste artigo. Uma delas é o fator migração³, frequente e considerável, pois, caracteriza-se como ponto crucial para o aumento do número de lavadeiras na margem dos rios da cidade de Teresina, desatinando um aumento irregular e desproporcional do número de habitantes para com a estrutura da cidade.

Outro ponto a ser apresentado refere-se a construção do Centro Materno-Infantil Nutricional e Lavanderia, a ser detalhado mais a frente, como um órgão estadual de apoio a lavadeira e sua família, bem como sendo mais umas das obras de embelezamento ditadas nos primeiros anos da década de 1970 (NASCIMENTO, 2007; 2015), representando também o progresso e os aspectos de modernidade na capital piauiense (FONTINELES, 2015).

Desse modo, reconhecendo a prática de lavar roupas em rios, como uma forma de trabalho informal, sem que houvesse auxílio ou intervenção estatal, a inserção no mercado de trabalho configura uma necessária e pertinente ação das mulheres pobres e migrantes para se adaptar a capital, o que motivou o desenvolvimento desta pesquisa a partir das relações que podem ser percebidas do encontro entre a atividade das lavadeiras e a cidade, em suas diversas representações (PESAVENTO, 2007, p. 11), permitindo ampliar o conhecimento por tal prática, além da condição social das lavadeiras mediante a configuração do espaço urbano teresinense, adaptando-as para outra realidade, representada através das lavanderias comunitárias.

Como fontes analisadas, foram utilizados dados estatísticos, resultantes dos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, entrevistas baseadas na metodologia da História Oral⁴, além da utilização de variadas matérias dos jornais que circularam na cidade durante o período recortado pela pesquisa, entre eles o *Jornal O Dia*, *Jornal Correio do Povo* e *Jornal O Estado*⁵. Outras fontes relevantes para a fundamentação da pesquisa foram as mensagens dos órgãos do governo, tanto estadual quanto municipal, direcionadas ao poder Legislativo.

³ Para mais informações sobre a migração em Teresina, e o processo de urbanização, ver: Alcides Nascimento (2007; 2015), Cláudia Fontineles (2015; 2016), Regianny Monte (2010).

⁴ Para as entrevistas, seguimos a metodologia da História Oral, com lavadeiras que aturam tanto nos rios Poti e Parnaíba, quanto no Centro Materno-Infantil Nutricional e Lavanderia, no período de 1970. Como aporte para realizar as entrevistas utilizamos os seguintes: ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.; TOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.; FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

⁵ Todos os jornais encontram-se no Arquivo Público do Piauí- Casa Anísio Brito.

2. Os novos filhos da cidade: o fenômeno migratório em Teresina

A migração, teve dois momentos cruciais na história da cidade de Teresina, motivada pelos mesmos fatores: buscar, dentre outras coisas, a melhoria de vida, que se estendia à fatores como educação, moradia e empregos. O primeiro momento, ainda durante a segunda metade do século XIX, que segundo Queiroz (2011) teria sido influenciada pela mudança física da capital, antes localizada ao sul do estado, e a partir de então ao centro, margeando o rio Parnaíba, favorecendo um melhor aproveitamento de trocas comerciais junto ao estado do Maranhão.

A mudança da capital de Oeiras para a centralizada Teresina, em 1852, provocou uma movimentação em massa nos anos subsequentes, na busca da qualidade de vida que o espaço urbano poderia oferecer. Segundo Gandara (2008) por haver uma relação importante entre rios e estradas na constituição de cidades, proporcionando contatos, acesso, concentração e condensação humana, gerou o conseqüente crescimento demográfico, e o movimento de ir e vir de pessoas, que impulsionou os fluxos migratórios. Teresina, por ser cidade-beira, como cita Gandara (2008, p. 209), por se encontrar margeada ao rio Parnaíba, cresceu mediante tais circunstâncias descritas.

Outro momento que caracterizou intensa movimentação para a cidade de Teresina, causando mudanças mais categóricas no espaço urbano e no cotidiano da capital, se deu durante a segunda metade do século XX. Influenciados pelo então desenvolvimento econômico, viabilizado por intensos investimentos do período que chamamos de “milagre econômico”, possibilitando a Teresina mudanças significativas em seu espaço urbano (FONTINELES, 2015) e por consequência em seu estilo de vida, ao incutir em seus moradores novos hábitos e novas culturas produzidas através da modernização.

Segundo Regianny Monte, o que se apresenta para a nova ideia de país que se alimentava tendia a ser “marcada por utopias desenvolvimentistas e um emaranhado de representações e significados expressos em projetos, discursos e práticas que tinham como um dos principais desejos intervir no espaço urbano numa tentativa de disciplinar o seu uso” (MONTE, 2010, p. 33), e dentro dessa questão, reverbera-se a capital piauiense envolta desta modernização.

No entanto, a migração, aqui discutida durante o período de 1970, muito além de apenas aumentar a densidade demográfica da capital, acarretou problemas sociais, gerando uma série de situações na qual a administração pública não adquiriu força o suficiente para

sanar, a primeiro momento, os problemas que se avolumavam na medida em que a capital se modernizava e crescia, gerando um acúmulo de problemas sociais e urbanos cada vez mais comuns, e desestruturando tanto os espaços da cidade quanto prejudicando seu crescimento de forma linear e padronizada a todas as classes sociais que habitam a capital.

Assim é que, na medida que a cidade se desenvolvia, boa parte da população necessitava de meios para viver, visto que as ofertas de empregos não condiziam com a realidade que se apresentava, e convergia também com a mão-de-obra disponível, ao passo que a parcela da população que se avolumava estava desempregada e não era educada ou profissionalizada o suficiente para exercer determinadas profissões.

A modernidade no Piauí, percorre a noção do desenvolvimento e crescimento econômico, gerado através do progresso. No entanto, mais que isso, “a modernidade define-se como uma ideia reguladora, um projeto de autonomia do indivíduo e da sociedade, como uma cultura, um estado de espírito” (GANDARA, 2008, p. 124), pois, ela atravessa os desejos, os sonhos, as necessidades de indivíduos que a constroem, criando assim uma outra relação para com a cidade moderna que se habita.

É dentro dessa noção de modernidade, que Teresina é concebida, em nome do progresso, e representava-se, segundo Gandara (2008, p. 130), como o motor da história dos “novos tempos”, no entanto era uma representação que não correspondia à realidade local. Dito isso, porque com a grande leva de migração, já na década de 1970, a incapacidade da capital em gerir tais consequências acabou gerando um acréscimo do nível de desemprego, acarretando mais problemas sociais.

Em matéria destacada do *Jornal O Estado*, de 1975, encontra-se a realidade a qual muitos migrantes que chegam em busca de melhorias, encontram mais problemas que, segundo a matéria, intensificam os mesmos.

Teresina invadida diariamente por migrantes que logo no desembarque começam a aumentar os problemas sociais da metrópole e, depois, acolhidos que são nos desconfortáveis casebres dos subúrbios, também contribuem para ferir o plano de desenvolvimento integrado da capital, não pode continuar parada para o problema. (O drama.... *O Estado*, Teresina, 27 fev. 1975, p. 8).

Dessa forma, como se observa na imagem retratada na Figura 1, os migrantes pobres que chegavam com suas poucas malas mas muitos sonhos, projetos e desejos de mudar de

vida, de crescimento e prosperidade, se viam em uma condição adversa onde não havia empregos, não havia moradia de qualidade, não havia oferta educacional suficiente.

Figura 1: O DRAMA DA IMIGRAÇÃO



Fonte: O DRAMA DA MIGRAÇÃO. *Jornal O Estado*. Teresina, 27 fev. 1975. p. 10.

Além disso, o que se observa na matéria, além do fato de a migração ser apontada enquanto invasão, é a condição que se impõe para o desenvolvimento da capital, julgando a migração ser um fator negativo para seu crescimento, por gerar aumento dos problemas que já existem na cidade. Isso porque o desenvolvimento, que se tornou assunto frequente nos jornais, não era direcionado a toda a população, nem mesmo se encontrava por toda a cidade.

Como pode ser observado, a matéria aqui citada, apresenta um crescente desenvolvimento na região central da cidade, que atingiu uma limitada parcela da população habitante do centro, não expandindo a todo o território da capital, ao expor que os migrantes chegados se direcionavam a casebres localizados nos subúrbios da cidade, evitando assim a presença destes nas regiões centrais.

Contudo, a necessidade de se inserir no cotidiano da cidade, promove nas camadas mais baixas da população teresinense meios alternativos de sobrevivência, muitos deles através de costumes e hábitos trazidos do ambiente rural que antes era sua realidade, tais quais cozinhar, serviço de pedreiros e serventes, vendas de produtos alimentícios nos mercados, ou em praças, o trabalho como doméstica, babás, a jardinagem, a pesca e a lavagem de roupas nos rios (SILVA, 2017).

Para as mulheres pobres que não detinham formação educacional, as chances de se empregar eram ainda mais difíceis por conta das poucas ofertas de empregos, e da consequente falta de qualificação. Por isso, ao pensarmos as lavadeiras como ponto da discussão sobre as transformações na cidade de Teresina, vimos a oportunidade de observar, pelo olhar das lavadeiras, representando um grupo marginalizado que se apropria de espaços e molda um cotidiano, movimentando a economia de uma cidade e resiste a ela, junto das conjunturas pela qual a capital atravessava dentro de um discurso modernizador, na qual viveu a Teresina da década de 1970, que como diz Fontineles (2015), foi palco de mudanças estruturais representando a flecha do progresso no Piauí.

3. Das “margens”: a transferência do rio para a lavanderia comunitária

A lavagem de roupa nos rios é uma prática trivial do cotidiano de qualquer família e comumente atravessa gerações, tendo uma característica pertinente ao ser uma atividade exercida eminentemente por mulheres. Motivadas, principalmente, pela necessidade de manutenção da renda familiar, essa atividade se configura dentro da realidade de muitas mulheres migrantes em Teresina. Este mesmo fenômeno já era observado por Maria Izilda Santos de Matos, sobre o cotidiano do trabalho feminino no centro-sul do país, ao destacar:

O esforço para trazer à família recursos monetários marginais, vitais em caso de crise, sempre acarretou um aumento da atividade feminina, levando as mulheres a reproduzir ocupações desenvolvidas nos quadros domésticos, como lavar, passar e engomar, que passaram a constituir para as mulheres pertencentes aos estratos sociais mais baixos uma opção de ocupação remunerada, impondo-lhes uma jornada de trabalho de ampla extensão de sua própria atividade doméstica e com míseros ganhos (MATOS, 2002, p.144).

Como nos exemplifica Matos, a jornada de trabalho estendia-se para além de seu próprio lar, ainda mais por ser atividade já exercida dentro de seus hábitos domésticos. O que pontua-se entretanto, é que tal atividade, é realizada em espaços públicos, reconfigurando lugares e espaços para uso e apropriação de diversas outras formas, e dando à cidade diferentes imagens, relações sociais e cotidianas.

Sobre o uso dos espaços urbanos, Fontineles nos diz que “o sentido da cidade é aquele conferido pelo uso e pelos modos de apropriação que seus habitantes fazem para reprodução da sua vida e nas implicações que derivam disso” (2016, p.173). Concernente a isso, compreendemos os espaços utilizados pelas lavadeiras para compor o sentido da cidade de

Teresina dentro de suas transformações na década de 1970, apontando como as lavadeiras de roupas dos rios se viam dentro do processo de modernização e progresso da cidade, em meio as mudanças que lhes eram propostas.

Ocupando os dois rios da cidade, Parnaíba e Poti, as lavadeiras para alguns cronistas dos jornais já eram consideradas cultura da cidade, com “o colorido de roupas estendido, oferecendo um espetáculo a parte para quem passa pelo local” (O colorido.... *O Dia*, Teresina, 05 set. 1974, p. 01). No entanto, essa imagem romântica e celebrada por alguns, não era vista da mesma forma por outros, que alegavam que a imagem das lavadeiras era degradante e “enfejava” a cidade e causava a propagação de doenças por conta da contaminação com a água suja (População.... *Correio do Povo*, Teresina, 14 abr. 1975, p.1), além da associação a promiscuidade (A mendicância.... *Estado do Piauí*, Teresina, 19 ago. 1971, p.1).

Assim, o discurso modernizador presente nos jornais, lança sobre as lavadeiras olhares normatizadores e sanitaristas, na ideia de promover uma mudança na situação a qual a cidade estava se sujeitando, perpassando uma imagem de cidade atrasada, suja e que não se enquadrava nos ares modernos que o progresso ditava, pois os velhos hábitos estavam presentes nos espaços sociais e no cotidiano de seus habitantes.

No entanto, os espaços são construídos cotidianamente por seus cidadãos, assim aqueles que habitam a cidade a fazem de acordo com suas características que lhes são próprias (CERTEAU, 2014), por isso mesmo que as mulheres pobres, que sem opções de empregos dominam os espaços públicos e deles se apropriam para uso e proveito próprio, nada mais fazem do que resistir a cidade, quando o poder público não dispõe de soluções efetivas para tal.

Para compreendermos as mais diversas formas de resistir a cidade, e se inserir no cotidiano do espaço urbano, em suas determinações sociais e por seus meios culturais, utilizamos a história oral, por meio de entrevistas, como fontes, pois como afirma Thompson,

[...] as testemunhas, podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação do relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (2002, p. 26).

Assim, depreende-se que, para traçar um diálogo entre as personagens-objeto desta narrativa, e com o auxílio dos jornais, as entrevistas nos permite compreender as formas de

expressão na qual a lavadeira vivia na década de 1970, na medida em que essa metodologia abre a possibilidade de se entender o passado, ao amplificar vozes que antes não se faziam ouvir, além de nos possibilitar diferentes “versões” sobre determinadas questões (ALBERTI, 2004).

Desta forma é que as lavadeiras nos contam sobre suas interpretações acerca das transformações experienciadas por Teresina na década de 1970, e como essas mudanças afetaram seus dias e suas formas de trabalho, reconhecendo que, a medida que o espaço urbano se modificava, alteravam-se também seus modos de viver, conviver e seus significados a partir de então, pois como nos diz Calvino (2017), é impossível discorrer sobre uma cidade atendo-se somente às descrições de suas edificações.

Como já mencionamos, uma constante transformação em suas estruturas físicas, produzidas pelo progresso, buscava viabilizar meios estruturais para enfrentar a necessidade de organização, higiene e estética causada pela utilização dos rios como meio de trabalho por mulheres pobres. E assim, a criação de um projeto de realocação das lavadeiras da margem do rio, para uma lavanderia apropriada para tal serviço demonstrou, concretamente, a visão que a administração pública pretendia impor sobre a prática da lavagem de roupas nos rios.

Em relação as mudanças estruturais, uma de nossas lavadeiras entrevistadas, dona Adalgisa Dorneles de Oliveira Souza, 73 anos, migrante chegada em Teresina aos seus 16-17 anos, nos contou o seguinte sobre sua experiência, ao ser uma das lavadeiras que foram realocadas da margem do Poti para a lavanderia comunitária:

[...] eu lavava no rio, no sol quente, no inverno *num* tinha sossego, porque o rio enchia e carregava até as roupas, a gente ia correndo atrás da roupa. Aí ele começou a construir aquela lavanderia lá na Ilhotas, mandou fazer a inscrição da gente na beira do rio, aí andava as moças fazendo a inscrição de quem queria ir *pra* lavanderia, aí eu fui, aí graças a Deus lá me dei bem, criei meus filhos tudinho lá [...] (SOUZA, 2018).

O “ele” a qual a entrevistada se refere, trata-se do governador Alberto Tavares Silva (1971-1975). Durante sua gestão, o projeto desenvolvido e edificado, pioneiro no país em tratando-se de lavanderia comunitária, na qual atendia ao público exclusivo de lavadeiras e seus filhos, o Centro Materno-Infantil Nutricional e Lavanderia. Nesse projeto, houve o realocamento de lavadeiras da margem do rio Poti, para o novo espaço, que se encontra a 800 metros da margem do rio, não alterando tão fortemente os espaços daquelas que moravam nas proximidades.

Notemos que a entrevistada atribuiu o fato de “se dar bem” e a criação dos filhos, como um dos aspectos positivos em relação ao sair da margem dos rios e ter melhores condições, ao chegar na lavanderia comunitária, pois o Centro Materno oferecia assistência integral aos filhos das lavadeiras, como creche, alimentação, cuidados médicos e odontológicos (PIAUI, 1972), deixando-as despreocupadas e com mais tempo para arranjar mais lavados, na intenção de melhorar seu lucro.

No entanto, a garantia de um novo espaço adequado e salubre não foi estendida as lavadeiras que usavam o cais e a margem do rio Parnaíba, que se localiza paralelamente do outro lado da cidade. Se a intenção do projeto estendia-se a todas as lavadeiras no mesmo espaço, esse não pode ser concebido, por conta principalmente da distância entre o rio e as lavanderias, que se localizam nas proximidades do rio Poti, prejudicando o acesso das lavadeiras que utilizavam e moravam próximo ao rio Parnaíba, para o novo espaço.

Assim, as lavadeiras do Parnaíba continuavam a viver na mesma situação que as mulheres do rio Poti vivenciaram antes da construção da lavanderia comunitária, e carregando até mais críticas, por conta da visibilidade que incidia sobre seu trabalho, ao utilizarem de espaços centrais do rio, que margeava o centro comercial da cidade, além da maior incidência de doenças por conta da sujeira do cais e da água do rio ser mais barrenta.

No relato de outra entrevistada, dona Francisca do Nascimento, 84 anos, viúva e migrante vinda do interior de Oeiras, chegando em Teresina em 1969, nos disse que quando foi trabalhar nas margens do rio Parnaíba não havia o mesmo apoio, e se lastimou, dando a entender que as administrações não ajudavam os pobres, e portanto as lavadeiras, deixando-as esquecidas e desassistidas. Conforme a entrevistada:

Aí eu não conheço história de lavanderia *pra* lá não. Lavava muito lá, quando eu morava na Piçarra, eu ia lavar eu passava bem *rapando* aqui a cerca do quartel. Quartel da Ilhota *né*. Ia lá de cima, e descia *pra* lavar lá. Juntava muita mulher *pra* lavar roupa. (silêncio) [...] Nada, aqui não tinha ajuda de nada *pra* ninguém não. Era as pessoa pobre, correndo, trabalhando demais *pra* poder viver, a pessoa pobre. Eu vivi assim. (NASCIMENTO, 2018).

Encontramos nesses relatos muito além de ressentimentos, mas também uma contradição dentro de um projeto que previa a assistência exclusiva as lavadeiras, quando questionamos tal ponto através do discurso que pretendia afastar da visão pública a presença de pessoas que representavam uma pobreza visual e social na cidade, porém não chegou a ser introduzido nos principais pontos de turismo e visibilidade da capital (NASCIMENTO,

2007), como é o centro da cidade, que margeia o rio Parnaíba, tendo em seu cais a presença de inúmeras lavadeiras.

No entanto, o projeto e sua execução, possibilitou um primeiro passo para absorver e oferecer assistência a um número de aproximadamente 400 lavadeiras (PIAÚÍ, 1972), inscritas no projeto para terem livre acesso à estrutura da lavanderia. Porém, ao se localizarem a margem de apenas um dos rios, favorecia somente às lavadeiras do Poti, pois tanto o acesso tornava-se complexo por conta da distância, como também devido à pouca renda das lavadeiras, caso houvesse a possibilidade de transporte público.

Dialogando com os relatos de nossas entrevistadas, trazemos uma matéria do *Jornal O Dia*, publicada no ano de 1974, que apresenta em sua matéria o mesmo drama que vivia uma de nossas entrevistadas, por não ser beneficiada com o projeto, por estar distante do rio Poti e o mesmo não se estender a toda a necessidade que havia, dos dois rios.

Para Dona Raimunda Ferreira de Araújo a lavagem de roupa no rio Parnaíba, além de se constituir um perigo constante, é também um meio de fazer com que as roupas fiquem mais encardidas que limpas. Disse ela que depois das enchentes já perdeu grande número de peças de roupas, que as “patroas” exigem indenização. “Se a gente não paga elas descontam no ordenado, então fica a mesma coisa. As lavadeiras do Poti têm mais sorte do que nós porque lá tem a lavanderia do governo e nós não temos mais nem sol para secar a roupa”. (A dura.... *O Dia*, Teresina, 27/28 jan. 1974, p. 5).

Nesse relato retirado do jornal, veiculado em toda a capital, evidencia-se que a execução do projeto mesmo mudando a realidade de muitas lavadeiras não pode ser estendido a toda a extensão da capital, mesmo havendo ainda a grande necessidade para tal. Nesse quesito, nos questionamos a motivação do Estado em construir apenas dois Centro Maternos, localizados nas proximidades de apenas um rio, o Poti, deixando outras centenas de lavadeiras⁶ desassistidas.

Além disso, podemos salientar o fato de que não havia, dentre as lavadeiras alguma possibilidade de resistência para com a ação, pois ao analisarmos sua situação econômica, e principalmente social, entendemos que as mudanças provocadas no cotidiano das lavadeiras dos rios e sua realocação para a lavanderia eram recebidas da melhor forma, e até mesmo celebradas, como destacado por uma de nossas entrevistadas:

⁶ Dados do IBGE sobre o Censo de 1970, mostram que a quantidade de mulheres trabalhando como lavadeiras, no Setor Informal, como prestadores de serviço, no Piauí, chegava a 4.373 mulheres.

Além da creche, além da água, além da luz, que tudo era de graça. Tudo era de graça, o que governo que dava. E a casa muito grande, muito boa *né*, o acolhimento das nossas famílias, praticamente, que nossos filhos lá o dia todo, quando você saía era que levava. Tinha ele também dava merenda. Merenda boa *pra* nós. Tinha a merenda de nove horas, e tinha a merenda das três horas. Era muito, ele tinha muito cuidado com as velhas lá (risos) e aí nesse tempo eu *num* era ainda (risos). (SOUZA, 2018).

Assim, percebemos que o processo de adaptação das lavadeiras ao novo espaço foi algo recebido com boa vontade, e assim como mostramos nos relatos anteriores o ressentimento pelo fato de não ter tido extensão o suficiente para atingir um número maior de lavadeiras, sendo apenas em dois pontos da capital, um na zona sul, bairro Ilhotas, e outro na zona norte, bairro Primavera, e os dois nas proximidades do rio Poti, não é percebido nas lavadeiras que se destinaram as lavanderias comunitárias.

A compreensão das lavadeiras de que o projeto as beneficiava, se dava não somente pelo novo espaço, mas em si pela comodidade, e as condições salubres para exercer a atividade, pois não havia mais a necessidade de ficar na margem do rio, no sol escaldante e nem mesmo de utilização de materiais rudimentares como madeiras e pedras, para o serviço, pois como nos relata uma de nossas lavadeiras, a lavanderia oferecia o espaço apropriado, com pias e água encanada, de modo simples, porém organizado:

Ali na lavanderia era bom, cada um tinha sua pia *pra* lavar sua roupa, não era sua *pra* você não deixar ninguém. Se você chegasse e tivesse ocupado, você tinha que esperar ela sair *pra* você ir lavar a sua, aí eu toda vida chegava cedo mesmo, todavia eu lavava logo, a minha era a última. E lá em cima também cada um tinha um lugarzinho *pra* gomar. (SOUZA, 2018).

Além disso, a mudança dos rios para a lavanderia comunitária, promoveu para algumas lavadeiras um aumento percentual dos valores monetários das lavagens, que não chegava a ultrapassar C\$80, mas que “era pouco o valor. Assim mesmo servia, que tudo era pouco e tudo era barato *nera*, era barato o ganho, era barato tudo que a gente comprava era barato, dava *pra* gente se arranjar” (NASCIMENTO, 2018).

Além disso, em se tratando de materiais utilizados nas lavagens, outra lavadeira complementa que o “sabão vinha das pessoa que mandavam lavar as roupa, mandava o sabão, as vezes as que podia, tinha água sanitária, elas botavam. E outros material *né*. Como a goma também *pra* fazer o engomando. Tudo era com elas” (ALVES, 2017). Ou seja, o lucro com as lavagens mesmo não tendo um aumento quantitativo que propiciasse maior renda mensal,

compensava para as lavadeiras e não as mantinha sem renda fixa, já que as lavagens eram uma garantia certa.

Assim, a atividade de lavadeira, mesmo atravessando a flecha do progresso, imposta por uma modernização, de certo modo carregada de autoritarismo e discurso sanitarista, na cidade de Teresina, não desconfigurou a imagem das lavadeiras, pois o projeto iniciado em 1972, do Centro Materno-Infantil Nutricional e Lavanderia não obteve continuidade em sua expansão, ficando apenas os dois que já havia sido construídos.

Ao analisarmos os relatos das lavadeiras e nos depararmos com várias matérias em jornais locais, percebemos que a necessidade de se produzir meios e ações assistenciais como da lavanderia comunitária ainda era necessária até o final da década de 1980, não se estendendo um pouco mais a frente, por conta da incidência de novas tecnologias como as máquinas de lavar roupas, e também com a ida da lavadeira para a casa do empregador, costumes que se mantêm até os dias atuais, e que tem muito mais presença que as lavanderias comunitárias.

Outro ponto que merece ser destacado em relação à construção dos Centros maternos, refere-se ao interesse do governador Alberto Silva (1971-1975), em sua primeira gestão, que ao buscar inscrever no estado projetos de modernização e desenvolvimento, alicerçado sobre construções públicas, tanto no sentido de elevar a autoestima do piauiense, quanto na necessidade de manter seu nome sob a história do estado (FONTINELES, 2015, p. 28), promoveu a visibilidade às lavadeiras, possibilitando um amparo físico como o projeto que permanece presente até os dias atuais, mesmo com as sucessivas trocas de administração do governo estadual.

Analisar esta questão nos permite compreender que uma das características marcantes da administração de Alberto Silva, se mostrou presente no projeto de lavanderia comunitária, indo além de uma obra que garantisse a comodidade e salubridade para as lavadeiras que necessitavam deste aparato. Mesmo assim, por julgar este fato procedente, não tem tamanha visibilidade tal qual a construção do estádio, ou de rodovias, por não ser grandioso e não garantir uma mudança categórica na realidade da capital, pois ao passo que se encerra seu primeiro mandato, diminuem a assistência para os dois centros, inclusive não sendo construídos outros na capital, como afirmava a presidente do SERSE que seriam construídos (Novas lavanderias.... *O Dia*, Teresina, 04 abr, 1973).

4. Considerações finais

Com essa breve análise, pretendemos nesse artigo mostrar como a migração em Teresina fortaleceu uma atividade já muito comum em grandes cidades e como esse serviço manteve tais práticas, mesmo perpassando processos de adaptações de uma nova realidade que se buscava através do progresso, com discursos modernos, além do cultivo de novos hábitos provocados pela realocação para espaços mais salubres, como foi a lavanderia comunitária.

A lavagem de roupas, tanto nos rios, quanto nas lavanderias, foi uma alternativa viável, uma vez que essas mulheres não tinham instrução formal e passavam a realizar um serviço cuja prática elas já dominavam com maestria. Em consequência dessa ação, a mulher pobre em Teresina dominou os espaços públicos da cidade para garantir o sustento e a sobrevivência de sua família, enfrentando e resistindo aos constantes problemas sociais a que se sujeitava para viver no espaço urbano em constante transformação.

Para finalizar, deixo as palavras de uma de nossas entrevistadas, dona Rosa Maria da Costa Alves, 84 anos, viúva, migrante de Viçosa-CE, que ao que nos foi apresentado, mostra-se um sentimento comum aquelas mulheres lavadeiras, pois “era difícil, era difícil. Agora nós estamos é no céu... Não, *num* é dizer que naquele tempo nós *num tava*, que todo trabalho *pra* nós é digno ...” (ALVES, 2017).

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. v. I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e história do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2015.
- FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (1970). **História e Perspectivas**. Uberlândia. p. 167-188, jan-jun, 2016.
- GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. 397 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

- PIAUI. IBGE. **VIII Recenseamento Geral-1970**. v. 1, tomo VI, série regional. Teresina: IBGE.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. São Paulo: EDUSC, 2002.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vista pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, n.53, p. 195-214, 2007.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). 2 ed. Teresina: EDUFPI, 2015.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan-jun 2007.
- PIAUI, Governador 1970-1975 (Alberto Tavares Silva). **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa**, 1972.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 1998.
- TOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- SILVA, Y. E. M. **“O colorido das lavadeiras”**: a condição social das lavadeiras de roupas nos rios de Teresina na primeira metade da década de 1970. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História). Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2017.

Entrevistas

- DOS SANTOS, Maria de Lourdes Gleide. **Entrevista concedida a Yasmin Escórcio**. Teresina: 2019.
- NASCIMENTO, Francisca do. **Entrevista concedida a Yasmin Escórcio**. Teresina: 2018.
- SOUZA, Adalgiza Dorneles de Oliveira. **Entrevista concedida a Yasmin Escórcio**. Teresina: 2018.
- ALVES, Rosa Maria da Costa. **Entrevista concedida à Yasmin Escórcio**. Teresina: 2017.

Jornais

- A DURA vida das lavadeiras. **Jornal O Dia**. Teresina, n 3.826, p. 5, 27/28 jan. 1974.
- A MENDICÂNCIA em Teresina- as lavadeiras do Parnaíba. **Estado do Piauí**. Teresina, ano 47, n. 1387, p. 1,19 ago. 1971.
- POPULAÇÃO ribeirinha ameaçada por doença estranha. **Jornal Correio do Povo**. Teresina, ano 2, n. 77, p. 1, 14 abr. 1975.
- O COLORIDO das lavadeiras. **Jornal O Dia**. Teresina, ano 23, n. 4.001, p. 1, 5 set. 1974.
- O DRAMA da migração. **Jornal O Estado**. Teresina, ano 705, p. 8, 27 de fev. 1975.

*Recebido em 10 de outubro de 2019
Aprovado em 28 de fevereiro de 2020*